



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

CURSO DE ARQUEOLOGIA E GESTÃO DO PATRIMONIO CULTURAL

**AS PAISAGENS CULTURAIS NO CONTEXTO DA PRESERVAÇÃO DOS
CONCHEIROS DE CHONGOENE, NA COSTA DA PROVÍNCIA DE GAZA, NO
SUL DE MOÇAMBIQUE**

ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural da Universidade Eduardo Mondlane

Por: Lucas Estevão Maluvane

Maputo, Junho de 2021

**AS PAISAGENS CULTURAIS NO CONTEXTO DA PRESERVAÇÃO DOS
CONCHEIROS DE CHONGOENE, NA COSTA DA PROVÍNCIA DE GAZA, NO
SUL DE MOÇAMBIQUE**

ALGUMAS OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na Universidade Eduardo Mondlane

Supervisora: Prof.^a Doutora Solange Macamo

O Júri:

O Presidente

A Supervisora

O Oponente

Data: ___ / ___ / 2021

Maputo, Junho de 2021

DECLARAÇÃO

Declaro por minha honra que esta monografia, nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau académico e que ela resulta da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto as fontes bibliográficas que consultei para a sua execução.

Maputo, Junho de 2021

(Lucas Estevão Maluvane)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho com muito carinho, à Laura José Muiambo e Mertina da Shade Maluvane, pela paciência e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Seria longo de mais uma lista completa de agradecimentos.

Gostaria de endereçar um agradecimento muito especial à supervisora, a Prof^ª. Doutora Solange Laura Macamo, pela paciente orientação, críticas e sugestões e sobretudo pela confiança que me depositou, assim como pelo ânimo e interesse demonstrado, desde os primeiros momentos quando este estudo era apenas uma semente.

Encontrei nela apoio e incentivo. Lembro-me que, foi ela quem me incentivou a escrever sobre a temática, numa das aulas por ela ministrada e nas conversas didáticas pelos passeios da Universidade, como ela costuma fazer.

Agradeço pela oportunidade de beneficiar-me do Projecto “*Biocultural Heritage Project: Developing New Heritage Industries in Mozambique*”, sob a coordenação do Prof. Doutor Hilário Madiquida, e muito em particular ao Professor Catedrático Paul Lane, pelos ensinamentos transmitidos no decurso da realização da Escola de Campo, nos concheiros de Chongoene, na província de Gaza, em 2019.

Meu grato reconhecimento aos docentes do DAA da Universidade Eduardo Mondlane, pela aprendizagem e partilha de experiências durante o período de formação académica, especialmente ao PhD. Leonardo Adamowicz (em sua memória), Dr. Ricardo Texeira Duarte, PhD Hilário Madiquida, Dr.^a Kátia Filipe, Dr. Décio Muianga, dr.^a Marta Langa, dr. Hamilton Matsimbe, Dr. Omar Madime, Dr. Mussa Raja, dr. Celso Simbine e dr. Cezar Mahumane. Estes agradecimentos são extensivos aos assistentes colaboradores: dr. Chafim Braga, dr. Roberto Mussibora, dr Varsil Cossa e dr Sidónio Mathusse. De igual modo agradeço a todos os funcionários do DAA, pela predisposição em dar o seu apoio.

À minha filha, Mertina da Shade Maluvane e esposa Laura José Muiambo, pela paciência em todos os momentos da minha ausência e que no futuro espero poder-lhes retribuir. Aos meus pais, Estevão Lucas Maluvane e Mertina Elias, irmãos, Luís Estevão Maluvane e Roberto Vusi Maluvane e em especial à minha avó, Ester Lucas Chidocoro (em sua memória), pelo acompanhamento na minha vida educacional desde criança, proporcionando-me, todo o apoio moral de que precisava. A família Chirrinza, Machavane e Muiambo, pelo seu contributo educacional, na conclusão de mais uma etapa expressiva da minha vida.

Muito obrigado aos meus colegas da trincheira (serviço), pela partilha de conhecimentos, por me dispensarem das minhas obrigações laborais, cobrindo os momentos da minha ausência.

Um especial agradecimento vai para os meus colegas da turma de 2016 e 2017, aos novos colegas, amigos que conheci durante o percurso académico, pelo companheirismo e bom ambiente proporcionado nos diversos momentos da vida académica e pelas histórias fascinantes (cruzamento cultural) que me ajudaram a conhecer Moçambique e a mim próprio.

O meu *Khanimambo!*

LISTA DE SIGLAS E ACRONIMOS

AC – Antes de Cristo

AD – Ano *Domini*

AHM – Arquivo Histórico de Moçambique

CAPM – Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique

CEDA – Centro de Estudos de Arqueologia

DAA – Departamento de Arqueologia e Antropologia

IICT – Instituto de Investigação Científica Tropical

IPS – Idade da Pedra Superior

MAE – Ministério da Administração Estatal

MAM – Missão Antropológica de Moçambique

SAREC - Agência Sueca Para a Cooperação Científica

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

VUE - Valor Universal Excepcional

UNESCO- Organização da Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

LISTA DE MAPAS, FIGURAS E FOTOGRAFIAS

Figura 1: Paisagem e linha da costa de Chongoene (foto: Maluvane 2019)	17
Figura 2. Áreas turísticas da praia de Xai-Xai próximo a estações de Chongoene (Foto: Maluvane 2019)	18
Figura 3. Vista da paisagem de Chongoene (Foto: Maluvane 2019).....	21
Figura 4. Mapa de localização geográfica de Chongoene. (Fonte: CENACARTA, 1999 adaptado por Maluvane 2021).....	22
Figura 5. Concheiro de Chongoene (Foto: Maluvane).....	26

ÍNDICE

DECLARAÇÃO	i
DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS.....	ii
LISTA DE SIGLAS E ACRONIMOS.....	iv
LISTA DE MAPAS, FIGURAS E FOTOGRAFIAS	v
RESUMO	viii
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Formulação do problema.....	3
1.2. Relevância do tema	5
1.3. Objectivos	6
1.3.1. Geral.....	6
1.3.2. Específicos	6
1.4. Conceitos usados.....	7
Concheiros.....	7
Paisagem.....	8
Comunidades de Agricultores e Pastores	9
1.5. Método.....	10
CAPÍTULO I- REVISÃO DA LITERATURA.....	12
2. Investigação sobre os concheiros no Sul de Moçambique	12
2.2. Os Concheiros e a paisagem	19
CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA EM ESTUDO ...	22
3.1. Clima	23
3.2. Aspectos naturais	23
a) Vegetação	23
b) Geomorfologia.....	23

c) Solos.....	24
d) Fauna.....	24
CAPÍTULO III. CHONGOENE E AS PAISAGENS CULTURAIS	25
4. Descrição dos concheiros	25
4.2. Significado cultural dos concheiros e das paisagens de Chongoene	28
4.3. Tabela de legislações sobre a protecção do património Natural e cultural	30
CAPÍTULO IV	35
5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	35
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

RESUMO

Moçambique é detentor de uma zona costeira de cerca de 3000 km, onde também se podem encontrar numerosos vestígios de concheiros, no meio natural, que formam em conjunto uma paisagem cultural. A faixa litoral moçambicana desde o I milénio AD foi habitada por comunidades que deixaram os seus testemunhos, como parte integrante dos actuais povos falantes de línguas Bantu, dentro da sua evolução histórica, sendo exemplo disso os concheiros. Estes que se reconhecem imediatamente pela sua fisionomia típica, resultante da acumulação de desperdícios de cozinha dos produtos do mar, maioritariamente, por cima das dunas costeiras.

O objectivo deste trabalho é mostrar como as paisagens culturais podem ajudar na preservação dos concheiros em Chongoene, na província de Gaza, de forma a contribuir para a valorização dos primeiros povoamentos dos povos falantes de língua Bantu na zona costeira, no sul de Moçambique. As observações preliminares efectuadas nas Paisagens Culturais de Chongoene, na província de Gaza possibilitam compreender a importância do contexto morfológico, particularmente as dunas costeiras, para a preservação dos concheiros.

Os concheiros são encontrados um pouco ao longo da faixa litoral de Moçambique, como parte integrante do património arqueológico nacional. Contudo, estes concheiros sofrem sérias ameaças, que resultam na sua degradação contínua, devido a factores naturais e humanos. As estatísticas mostram uma redução e degradação aceleradas da biodiversidade por todo território nacional. A pesca artesanal, a erosão costeira, o avanço do turismo não regado, a crescente procura de combustível lenhoso pelas comunidades locais (desmatamento de mangais) associado à explosão demográfica, são apontados como principais causas para a crise da biodiversidade em Moçambique, sobretudo nas zonas costeiras frágeis. O presente trabalho analisa a legislação nacional, assim como a adesão e subscrição de Moçambique às Convenções, Acordos e Tratados regionais e internacionais sobre a biodiversidade, para interpretar as paisagens culturais, no contexto da preservação dos concheiros de Chongoene, na Província de Gaza.

Palavras-chave: Paisagem Natural. Paisagem Cultural. Concheiros de Chongoene. Preservação. Biodiversidade. Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores. Valores Patrimoniais.

1. INTRODUÇÃO

Moçambique tem um dos litorais mais extensos da África, medindo cerca de 2.770 Km da foz do rio Rovuma até a Ponta do Ouro (Alper 2019). Este litoral é marcado por vários habitats, incluindo praias, recifes de coral, sistema de estuários de rios, leitos de ervas marinhas, assim como várias ilhas (Idem). Consequentemente, não deveria ser surpresa que, ao longo da sua história, os povos que habitaram o litoral tenham experimentado um importante e contínuo relacionamento com o oceano que também serviu como seu recurso, para a sua sobrevivência.

Pesquisas arqueológicas mostram a existências de vestígios de ocupação do território moçambicano, pelas Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores que, devido às mudanças culturais passaram a ter uma grande importância na adaptação do homem no meio onde vive, como na zona costeira (Chiure 2019).

Estas pesquisas são provadas pelas escavações e prospecções arqueológicas, que dão informações sobre a origem e evolução cultural das comunidades que habitaram as zonas costeiras. Fornecem elementos sobre a relação das comunidades com o meio ambiente, constituindo-se como paisagens culturais. Dos vários ambientes em que os homens viveram, o mais notável e preferencial foi o ambiente próximo à água, visto que foi um elemento essencial para a sua sobrevivência. As evidências mostram que as Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores fixaram-se inicialmente na costa (Hall 1987 citado por Macamo 2009).

Relatos portugueses do século XVI sobre a costa sul de Moçambique mencionam a existência de ostras e peixes como componente das dietas locais (Alper 2019). Como afirma Cruz & Silva (1976) “(...) sabe-se que estes povos recolhiam ostras que constituíam parte da sua dieta, fabricavam olaria e usavam o ferro”. Estas evidências encontram-se espalhadas nas dunas costeiras, as quais foram chamadas de restos de cozinha ou lixeiras do passado (Martinez *et al* 1969).

Na generalidade, os concheiros localizam-se no topo de dunas costeiras com enormes quantidades de conchas e podem medir de 10-20 metros de altura, dando uma fisionomia típica do local (Martinez *et al* 1969; Meneses 1989). Os estudos sistemáticos dos concheiros são imprescindíveis não apenas para perceber os assentamentos costeiros, mas também como a paisagem interage com os mesmos.

Estes lugares têm a dualidade natural e cultural, pelo facto de o homem ter tirado proveito dos recursos disponíveis para a sua sobrevivência.

Com a rápida urbanização que o sul de Moçambique, principalmente em Chongoene, tem passando, nas últimas décadas, assiste-se à degradação de uma parte do património cultural e natural. O desconhecimento acerca da importância do património cultural e natural em relação à preservação dos sítios arqueológicos no país pode estar na origem deste problema. Este património, juntamente com as estações arqueológicas constitui fonte da memória colectiva, conforme a Lei nº 10/88, de 22 de Dezembro. Consequentemente, as sociedades actuais devem saber preservá-lo.

Em Moçambique, as antigas actividades humanas, agregadas à paisagem estão relacionadas com as estações arqueológicas, como as relacionadas com as Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores. Estas comunidades transformavam a paisagem de forma mais lenta e gradual, cujo resultado concreto deste processo na paisagem foi a acumulação de concheiros ao longo do I Milénio AD, continuando nos períodos subsequentes. Há, contudo, registos de uso de conchas de moluscos durante a Idade da Pedra Superior ou Inferior, conforme os artefactos líticos identificados por Barradas na zona costeira¹ (Chambe 2015).

O estudo das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores da zona costeira ajuda na identificação de elementos da sua relação com o ambiente que habitaram, o que abre caminho para a sua protecção e preservação dos concheiros a partir da implementação de políticas já estabelecidas para o efeito.

A conservação dos bens culturais compromete-se igualmente com a defesa da natureza e do equilíbrio ecológico ambiental. Nesse sentido, a preocupação deve ser não apenas a preservação da memória social e histórica e na busca da identidade cultural e da diversidade cultural, como também com a conservação da biodiversidade na estação arqueológica de Chongoene.

Este trabalho pretende mostrar como o concheiro de Chongoene pode ser interpretado, tendo como base o reconhecimento da diversidade de manifestações e interacções entre o homem e a natureza. Para a contextualização do tema em estudo, importam algumas

¹Concheiros da antiga Baía de Lourenço Marques e Cronologia da Beira-Mar do Sul de Moçambique

observações preliminares efectuadas no sítio. Recorreu-se ainda a outros concheiros e paisagens, para exames comparativos com os de Chongoene.

1.1. Formulação do problema

O estudo dos concheiros reveste-se de grande importância para o esclarecimento dos primeiros povoamentos costeiros em Moçambique (Macamo 2003). Apesar de se ter desenvolvido um modelo sobre o estudo do Período das Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique, são poucos os estudos que abordam os concheiros, particularmente no contexto paisagístico. Como afirma Martinez *et al* (1969), um dos problemas mais controversos na arqueologia moçambicana, reside na pesquisa sobre assentamentos costeiros, ou por outras, há falta de estudos e exploração sistemática.

Mapeamentos geográficos e culturais foram realizados em diferentes áreas de ocorrência e concentração de concheiros ao longo da extensa costa moçambicana. Bons exemplos são os concheiros de Revez Duarte (Maputo), Quissico e Casino (Inhambane), Lumbo (Nampula) e Palma (C. Delgado). Porém, alguns destes concheiros são da Idade da Pedra Final (Revez Duarte, Palma), enquanto outros são atribuídos à Idade do Ferro (Meneses 2002).

Entretanto, são poucas as abordagens globais, predominando quase sempre descrições da olaria, permanecendo a ideia de que estes sítios apenas pertencem às CAP's. Há preocupações sobre as relações entre os concheiros e o ambiente costeiro, como é propósito deste estudo, através do exame das paisagens culturais típicos.

Segundo Gaspar (1991), ao longo de muitos anos, os concheiros sofreram constantes intervenções. Este cenário é um facto em Moçambique e está sob a influência de factores humanos e naturais que desafiam a preservação e a visibilidade dos concheiros no ambiente paisagístico.

A propagação do turismo, exploração de recursos vegetais, recolha de conchas para fabrico de objectos de adorno afectam a integridade física dos concheiros, uma vez que, a paisagem, o contexto da estação e os vestígios estão sendo arrastados ou destruídos.

O estudo dos concheiros debate-se com desafios, pelo facto destes serem vistos como unidades isoladas no tempo e no espaço, sendo a interpretação predominante na

literatura arqueológica como uma aglomeração de restos de cozinha (Oliveira *et al* 2013, Martinez *et al* 1969). Nesse sentido, questões como origem, formação, função desses locais continuam a provocar intensos debates entre pesquisadores, tendo assim surgido a necessidade de desenvolver estratégias para estudar a totalidade dos concheiros com destaque para a paisagem e, assim, propor interpretações robustas (Idem).

Para DeBlasis *et al* (2007) estas dificuldades, tem permitido com que os processos de formação dos concheiros sejam mal compreendidos. Em Moçambique, os estudos sobre os concheiros demonstram modelos interpretativos bastante simplistas, onde predomina a perspectiva reducionista de que são restos de cozinha. Este estudo desafia essa compreensão, através do elemento integracionista de paisagem cultural, como resultado da interacção do homem com a natureza.

Estudos sobre paisagem culturais foram feitos por Macamo (2006) no seu trabalho intitulado "*Privileged Places in South central Mozambique*", através das construções de casas da elite dirigente (madzimbabwe) que também se encontram integrados na paisagem.

Num outro trabalho, a mesma autora refere:

"Em Moçambique existem paisagens culturais das Tradição Zimbabwe, localizadas em regiões muito específicas e que se manifestam, principalmente através dos amuralhados esplêndidos de pedra, sem argamassa. O ambiente natural dos amuralhados associava-se a manifestações culturais, arquitectonicamente definidas como Madzimbabwe ou seja construções de pedra, em que alguns africanos eram mestres"

Macamo (2011)

Por conseguinte, é importante fazer-se uma avaliação dos valores patrimoniais e da contribuição da herança cultural para a conservação dos recursos marinhos e costeiros de Moçambique (Política e estratégia do Mar, 2017).

Neste contexto, para responder ao problema de pesquisa, o trabalho tem a seguinte **pergunta de partida:** *De que forma as paisagens culturais contribuem na preservação dos concheiros para, a valorização e compreensão das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores na zona costeira da província de Gaza?*

1.2. Relevância do tema

O estudo dos concheiros é importante para a compreensão do passado, mas estes debatem-se com desafios no que diz respeito à sua inserção na paisagem, entre outros aspectos. Os concheiros designam locais construídos a partir de acúmulo de conchas pelas Comunidades de Agricultores e Pastores. Neste contexto, os concheiros são frequentemente vistos como simples locais de desperdício de restos de cozinha, ou seja, como lixeiras do passado Meneses (1989). Mas, ela ainda acrescenta que os concheiros são colinas formadas por restos de cozinha e de desperdícios diversos que se encontram junto à costa. Este aspecto ajuda a perceber o contexto natural em que os concheiros se localizam, no âmbito da formação das paisagens culturais junto à costa, segundo Solange Macamo (comunicação pessoal, em 2021).

Por conseguinte, os estudos mais recentes mostram que os concheiros têm uma complexidade de funcionalidade e inserção no ambiente paisagístico que deve ser entendido para melhor interpretação do passado humano.

Uma análise de carácter paisagístico e sistemático dos concheiros é uma tarefa dispendiosa. As dificuldades residem basicamente em duas vertentes fundamentais: primeiro, visto que frequentemente são sítios construídos no decorrer dos períodos longos, sendo importante uma análise sistemática em diversos sítios de uma dada região (DeBlasis *et al* 2007). Por outro lado, o seu estudo exige também uma investigação aprofundada acerca das características funcionais dos concheiros, ainda não compreendidas (Idem).

Estas abordagens vêm sendo desenvolvidas na região sul de Moçambique nos últimos anos, através de estudos dos hábitos culturais das Comunidades de Agricultores e Pastores. Com o presente trabalho, pretendo subsidiar com novos dados, particularmente a agregação da componente paisagística. A escolha do tema deve-se ao meu interesse em estudar os concheiros e interpretá-los a partir de dados paisagísticos que, nos últimos tempos, felizmente, têm recebido atenção por parte dos arqueólogos.

Pretendo também contribuir para o conhecimento dos assentamentos costeiros e da biodiversidade. O estudo baseou-se na literatura existente e nas observações preliminares de elementos da paisagem, das camadas estratigráficas expostas pela erosão e distribuição de vestígios. Sabe-se que Martinez *et al* (1969) efectuaram

levantamentos arqueológicos sobre os concheiros costeiros, tendo-os analisando, no contexto das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores.

Mais do que incidir na cerâmica, vestígios de fundição de ferro, de criação de gado, é necessário que se avalie todo o contexto paisagístico no qual se encontra o sítio arqueológico para que a interpretação seja a mais próxima possível da vivência dos povos do passado.

Em Chongoene, foram identificadas à superfície uma variedade de vestígios, sendo a cerâmica um deles, com destaque para a Tradição Gokomere-Ziwa e outras associadas, o que pode indicar um cruzamento cultural (Macamo comunicação pessoal 2019). Nesse sentido, o estudo dos concheiros, no contexto paisagístico, vai permitir conhecer os modelos de ocupação através da densidade dos objectos e o aprofundamento sobre as questões ligadas aos povoamentos costeiros das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores.

1.3. Objectivos

1.3.1. Geral

- Estudar os concheiros de Chongoene a partir da integração de dados arqueológicos e paisagísticos, de forma a contribuir na sua preservação e valorização.

1.3.2. Específicos

- ✓ Caracterizar e interpretar os concheiros de Chongoene, no contexto das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores;
- ✓ Descrever o contexto geográfico e ambiental de Chongoene;
- ✓ Identificar e interpretar os factores culturais e naturais responsáveis pela degradação dos concheiros e da paisagem;
- ✓ Mostrar de que forma as paisagens culturais podem contribuir na preservação dos concheiros.

1.4. Conceitos usados

Concheiros

São restos de cozinha e de desperdícios diversos, fundamentalmente constituídos por conchas (Meneses 1989; Macamo 2003), sendo encontrados principalmente em regiões costeiras. Em termos paisagísticos e geográficos encontram-se no topo de dunas costeiras e reconhecem-se pelas enormes quantidades de conchas que contêm, dando ao local uma fisionomia absolutamente típica.

Esta concepção é unânime no seio dos pesquisadores em redor do mundo. Por exemplo, Callapez *et al* (2016) descrevem-nos como montes compostos de moluscos (de origem marinha, terrestre ou de água salubre), restos ósseos, conchas e cerâmica. A formação de concheiros resulta de acções humanas, ou seja, são montes artificiais, com dimensões e formas variadas.

Num sentido mais amplo, os concheiros são formações constituídas, principalmente, de conchas de moluscos, formadas ao longo de milhares de anos pelas populações que habitavam regiões costeiras. Essas conchas eram descartadas após o consumo dos moluscos, formando imensas montanhas. Estudos arqueológicos mostram que as montanhas eram formadas por conchas e restos alimentares depositados no mesmo lugar ao longo de vários anos. Mas há também indícios de existência de restos de animais, bem como ferramentas utilizadas por essas populações primitivas (Pinto 2009).

Em Moçambique, são conhecidos vários concheiros dispersos ao longo da costa, como o de Revez Duarte (Maputo), Xai-Xai e Chongoene (Gaza), Quissico e Casino (Inhambane), Lumbo (Nampula) e Palma (C. Delgado). Porém, alguns destes concheiros são da Idade da Pedra Final (Revez Duarte, Palma), enquanto outros são atribuídos à Idade do Ferro (Meneses 2002).

Fundamentalmente, o estudo dos concheiros reveste-se de grande importância para o esclarecimento dos primeiros povoamentos costeiros, em Moçambique (Meneses 1989), com destaque para as Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores.

Preservação

Significa manter o Imóvel na condição em que se encontra, tentando ao mesmo tempo, travar ou atrasar a sua deterioração (Jopela 2010; Resolução nr. 12/2010, de 2 de Junho). Na prática isto significa que os danos e a deterioração (como os causados pela água, químicos, insectos e plantas) devem ser retardados e revertidos quando diagnosticados (Agnew 1997 citado por Jopela 2014). A preservação visa ainda garantir a manutenção (protecção contínua que não deve envolver a alteração física) da estrutura original do bem cultural imóvel e a tomada de todas as medidas cautelares possíveis para retardar a sua deterioração ou alteração (Jopela 2014).

Cultura

A cultura pode ser definida como sendo um conjunto complexo de maneiras de ser, estar, e relacionar-se desde o nascimento até à morte, passando pelos rituais que marcam os principais momentos do processo de integração social e de socialização (Resolução nr. 12/97, de 10 de Junho). A cultura compreende, entre outros: os aspectos materiais (vestuário, arquitectura, instrumentos de trabalho); os aspectos filosóficos (ideias, crenças, valores) (Jopela 2014).

Paisagem

Segundo Santos (2006) citado por Crispo (2011), a paisagem "é um conjunto de formas que num dado momento exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza". Para Castrogiovanni (2002) citado por Costa (2010), "paisagem é uma unidade visível do território, possui uma identidade visual, caracterizada por factores de ordem social, cultural e natural; contém espaço e tempo distintos – o passado e o presente –, ou seja, um acúmulo de tempos desiguais".

A Convenção Europeia de Paisagem (CEP) designa paisagem como uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da acção e da interacção de factores naturais e humanos.

Património Natural

Macamo (2003) define o património natural como formações físicas e biológicas que tenham particular interesse, do ponto de vista estético ou científico.

A Convenção do Património Mundial define o património natural como: características naturais compostas de formações físicas e biológicas, ou grupos dessas formações, que tenham Valor Universal Excepcional do ponto de vista estético ou científico:

- **Paisagem Natural-** é formada pelos elementos naturais que não estiveram sujeitos à acção do homem: montanhas, rios, floresta, etc;

Para Muchangos (1999), a paisagem natural é a porção da superfície terrestre que representa, de acordo com a sua fisionomia, uma unidade espacial própria com os seus componentes interrelacionados.

- **Património Cultural-** locais de interesse, obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, as zonas incluindo os locais de interesse arqueológico com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico (UNESCO 1972).

- **Paisagem Cultural** - aquela que sofreu a intervenção do homem. Uma intervenção que tanto se revela em elementos construídos, como casas, estradas, pontes, indústrias, mas também nos elementos naturais "controlados" pelo homem, a vegetação de um jardim, um campo de trigo (UNESCO 1972).

A Convenção do Património Mundial, Cultural e Natural foi adoptada pela UNESCO em 1972, com o objectivo de garantir o melhor possível a adequada identificação, protecção, conservação, divulgação e transmissão às gerações futuras do património cultural e natural com “Valor Universal Excepcional” (VUE). No quadro da implementação desta Convenção, a categoria de Paisagem Cultural foi adoptada pelo Comité do Património Mundial em 1992.

Comunidades de Agricultores e Pastores

Designação dada pelos arqueólogos na África Austral, em substituição da clássica “*Idade do Ferro*”. Os arqueólogos dividem estas comunidades entre o período inicial (Primeiras comunidades de 0-1000 anos: compreende os primeiros utilizadores do ferro- agricultores falantes de línguas Bantu e seus descendentes imediatos e tardio de 1000-1900 anos. (Adamowicz 2003; Macamo 2003). Estes períodos definem unidades arqueológicas com certos estilos de cerâmica e tipos de economia dos agricultores e pastores cuja origem varia de região para região (Macamo 2003).

Para Maduquida (2007) a base económica destas comunidades assentada na agricultura de cereais com assentamentos permanentes e semi-permanentes assim como no uso de ferramentas de ferro.

Costa ou orla marítima- é a linha que separa o mar da terra (Enciclopédia Geografia 1987);

Ecossistema- é definido, como um complexo dinâmico de comunidades vegetais, animais e de microrganismos e o seu ambiente não vivo, que interagem como unidade funcional (Lei nº Lei 5/2017, de 11 de Maio).

Biodiversidade- é a totalidade dos genes, espécies e ecossistemas de uma determinada região (Barbieri 2010 citado por Andreoli *et al* s/d);

Geomorfologia- Ciência que procura explicar as formas actuais de relevo, que podem ser facilmente perceptíveis na paisagem, pela sua génese, passado e destino (Jotabá 2006);

Ecologia- ciência sobre a relação entre os seres vivos e o ambiente que os rodeia (Macamo 2021)

Geologia- Ciência que estuda a constituição, estrutura e evolução da terra (Dicionário Enciclopédico 1992).

Biocultural- Novo conceito usado em várias ciências para designar o património natural e cultural.

1.5. Método

O presente trabalho compreendeu três fases, (i) pesquisa documental, (ii) trabalho de campo (iii) análise e processamento de dados, para a compilação do trabalho final.

- a) Primeira fase: a pesquisa documental compreendeu a identificação, recolha e selecção de literatura nas bibliotecas Brazão Mazula, do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) e nos sites da internet, onde consultei artigos e relatórios científicos. A outra bibliografia sobre a legislação do património cultural e natural foi facultada pela supervisora deste trabalho.
- b) Segunda fase: compreendeu o trabalho de campo, tendo como objectivo principal visitar o concheiro e proceder às observações preliminares das (camadas estratigráficas expostas pela erosão, distribuição de vestígios

arqueológicos e o contexto paisagístico). Nesta fase efectuou-se também o registo fotográfico.

- c) Terceira fase: Nesta fase foi efectuada a análise, selecção e processamento de dados recolhidos nas fases precedentes (textos, fotografias e mapas), para a compilação do presente trabalho.

CAPÍTULO I- REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo apresenta a revisão bibliográfica que serviu de suporte científico para a elaboração do trabalho, com destaque para os relatórios e publicações das investigações efectuadas no Sul de Moçambique sobre os estudos de concheiros. Ao mesmo tempo é explorada a literatura sobre as paisagens natural e cultural, numa abordagem integrada, com elementos arqueológicos.

2. Investigação sobre os concheiros no Sul de Moçambique

No período pré-colonial a ocupação do território onde hoje se encontra Moçambique foi feita por sociedades falantes da língua Bantu. Nesta região foram encontrados registos arqueológicos das aldeias de Comunidades de Agricultores e Pastores, onde as zonas litorais apresentam maior densidade de ocupação. A cerâmica e as conchas apresentam-se como vestígios mais identificados e resistentes à degradação. Apesar da consciência ambiental ter surgido nas últimas décadas, Ombe & Fungulane (1996) citado por Chiure (2019) realçam o facto de alguns grupos das CAPs, guiadas por uma base religiosa e ética, e dotadas de um certo grau de percepção ecológica, terem elaborado, embora de forma empírica, certos códigos legislativos que se reflectiam na interacção homem-natureza.

As investigações arqueológicas na região Sul de Moçambique a par de outras regiões foram iniciadas por investigadores de outras áreas de conhecimento, e as mesmas estavam ligadas ao período da Idade da Pedra. Estas investigações podem cronologicamente serem divididas em dois períodos, nomeadamente, colonial e pós-independência.

Neste contexto, a primeira referência sobre a existência de concheiros na costa Moçambicana é datada do período colonial, precisamente em 1941, e mercê da publicação de Santos Júnior, no seu trabalho, intitulado "*On the Prehistory of Mozambique*". Em seguida foi o trabalho do Prof. Riet Lowe e de H. Wells, sobre os restos de cozinha de Xai-Xai em 1943 e de P. Breul & Riet Lowe em 1944. De seguida o estudo foi abandonado e mais tarde levantado na comunicação do Eng. Loreno Barradas ao Congresso de Arqueologia em Lourenço Marques (hoje Maputo), em Agosto de 1968 e em outros dois trabalhos publicados pelo mesmo autor (Martinez *et al* 1969).

Em 1968, deslocou-se a Moçambique uma equipa alemã de pesquisadores coordenados pelo Professor Gunther Smolla da Universidade de Frankfurt, tendo a mesma localizado três concheiros na zona de Chongoene (Martinez *et al* 1969). Mais tarde, a estação foi visitada por investigadores como Barradas, Smolla, Liesgang, Martinnez e Derricourt, tendo-se iniciado a pesquisa por Senna Martinez em 1969, que discutiu a natureza das colecções da cerâmica das Comunidades de Agricultores e Pastores recentes e a fauna (Chambe 2015).

A equipa do CEDA realocizou os concheiros identificados por Riet Lowe e outros que eram, até então, desconhecidos na zona da Catembe e Matola (Idem). De referir que o CEDA, detinha um Departamento de pré-história, chefiado por Senna-Martinez, tendo este, estudado vários concheiros ao longo da costa sul de Moçambique. Senna Martinez dividiu os concheiros em dois grupos, baseados na localização geográfica, nomeadamente, Xai-Xai-Chongoene ou da foz do Limpopo e da Baía de Espírito Santo (hoje baía de Maputo), onde constam os subgrupos Catembe e Matola.

No período pós-independência, a investigação sobre os concheiros foi efectuada no contexto de estudo das Comunidades de Agricultores e Pastores. Para, Sinclair *et al* (2003), o cenário da investigação arqueológica não estava desenvolvido em relação a outros países da região Austral.

Entretanto, logo após a independência, foram efectuados esforços para ultrapassar este cenário, especialmente através do estabelecimento do Departamento de Arqueologia e Antropologia, na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) assim com a cooperação do Serviço Nacional de Museus e Antiguidades da Suécia, que permitiu a formação de moçambicanos no estudo do passado humano a nível nacional (Sarq 1980 citado por Sinclair *et al* 1993).

Neste contexto, grande impulso foi dado no âmbito da cooperação Moçambique-Suécia através do projecto SAREC. O impulso foi dado através do estudo de vestígios de cerâmica (Duarte 1988; Sinclar 1987).

Cruz e Silva (1978) publicou um artigo intitulado: ***“O Sul de Moçambique e o povoamento da África Sul Oriental na Idade de Ferro Inferior”***, onde faz menção das pesquisas realizadas em Maputo, Matola, Xai-Xai, Chongoene, Bilene, Bazaruto e Chibuene.

Sinclair, Nydolf e Wickman-Nydolf realizaram pesquisas em 1984-1985, que culminaram com a descoberta de importantes vestígios sobre as Comunidades Agro-Pastoris (Sinclair *et al* 1987). Ricardo Teixeira Duarte identificou em 1975, a estação do Campus Universitário da UEM. Após a sua identificação, a estação foi estudada por vários arqueólogos como, Sinclair, Cruz e Silva e Leonardo Adamowicz, que também escavou três trincheiras.

Com o desenvolvimento da sociedade humana aumenta consideravelmente a necessidade de utilizar a natureza e seus recursos, o que só se consegue com maior eficácia, quando se conhece a estrutura dos componentes geográficos na sua expressão territorial (Muchangos 1999 citado por Nhacale 2018). Nesse contexto, o estudo das paisagens ajuda no fornecimento de dados para a sua utilização, preservação, manuseamento e melhoramento.

No período colonial foram publicados artigos constantes no Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique, por Barradas, referentes ao clima, solos e outros recursos naturais numa perspectiva arqueológica (Nhacale 2018).

Nos meados da década de 80 e 90 emerge em Moçambique ambientalistas que tinham como objectivo compreender os fenómenos, os processos paisagísticos e as formas de utilização da natureza na actualidade e no passado (Muchangos 1999).

O Instituto Nacional de Investigação Agronómica de Moçambique fez estudos sobre a cartografia dos solos e de outros recursos naturais nas províncias de Maputo e Gaza (Ombe 2006). Os estudos mostram que, as regiões dunares apresentam maior permeabilidade, abundância de águas subterrâneas, uma elevada biodiversidade constituída por florestas, matas, pradarias que permitem uma diversificação de fontes, de bens e serviços ecossistémicos: medicamentos, alimentos, material de construção e matas sagradas (Ombe 2003, 2006).

A região em estudo é atravessada por numerosos cursos hidrológicos e o maior rio é o Limpopo que parte dos países vizinhos. Quanto ao estudo tectónico, a área é dominada por planícies aluviais de dunas antigas e recentes, solos arenosos com texturas intercaladas por solos hidromórficos e aluvionares. Os solos aluvionares são os mais férteis (Nhacale 2018).

Análises feitas por Plug & Badenhorst (2001) sobre o estudo das paisagens indicam que há défice nos estudos faunísticos de assentamentos humanos na região Sul de Moçambique. Eles acreditam que, os estudos efectuados por Ekblom (2004) em Chibuene são de extrema importância para perceber a utilização dos recursos nos últimos 30 anos.

2.1. Paisagem e cultura

Para compreender o passado pré-colonial de Moçambique há possibilidade de recorrer à arqueologia. Esta ciência dá oportunidade de reconstruir a história passada a partir de vestígios arqueológicos que servem de testemunho da evolução das culturas.

Actualmente, a palavra paisagem engloba o património cultural e natural pois, a natureza e a cultura estão intimamente ligadas (Macamo 2016). Para entender a paisagem é necessário observar a integração de fenómenos, processos naturais, sociais e a sua expressão territorial. Segundo (Muchangos 1999), a paisagem natural não é a soma de geofactores (relevo, clima, água, solo e seres vivos), mas a expressão da integração de fenómenos, de processos inorgânicos, orgânicos e sociais.

Neste caso, o termo paisagem cultural aqui referido cobre um amplo aspecto, desde os aspectos ecológicos, ecossistemáticos, geológicos, geomorfológicos passando pela perspectiva histórica e a biodiversidade da paisagem construída até o futuro manuseamento dessa paisagem herdada.

As paisagens culturais modernas exibem, por suas formas, estruturas e histórias de uso, aspectos que remetem à sua origem e desenvolvimento, contribuindo assim à biodiversidade actual, representando um bem cultural que deve ser preservado enquanto herança regional, nacional e local (Copé 2015).

Chongoene ostenta uma paisagem exuberante como resultado da combinação de diferentes elementos (naturais e culturais) que são fundamentais para o reconhecimento das identidades territoriais. Por um lado, as suas características, tanto naturais como culturais, constituem-se como misturas essenciais que emergem em forma de registo, baseado na observação (Roca & Olivera s/d).

As paisagens culturais informam-nos quem somos hoje, assim como são os lugares que habitamos e que estão sendo moldados (Copé 2015). Neste contexto, a partir da

paisagem de Chongoene pode-se fazer analogias e interpretações sobre as vivências do passado, e a observação de elementos neles contidos, tais como: linha da costa oceânica, vegetação, recursos marinhos, solos (dunas de areais), e evidências arqueológicas, que, em conjunto formam um lugar com significado paisagístico e cultural.

A linha da costa oceânica possui uma cultura e um modo de vida com muitos séculos de existência, servindo os interesses da humanidade (recursos naturais, marinhos, navegação) que fornece uma ampla gama de funções que estimularam a fixação humana e conseqüentemente o aumento de aglomerados urbanos nas zonas costeiras (Reis 2010).

As paisagens culturais foram e são moldadas materialmente por meio de todas as intervenções antrópicas no ambiente, e imaterialmente pela projecção das ideias, fantasias e aspirações dos homens que as construíram (Pan 2006 citado por Copé 2015).

Segundo Mitchel (1991), as qualidades ou características naturais e culturais associadas à paisagem podem informar-nos sobre eventuais ameaças que esta esteja a sofrer, como sobre as oportunidades que podem ser aproveitadas para estabelecimento de elementos identitários dos lugares e regiões, tais como, os contextos sócio-cultural ou sócio-económico.

Assim, a paisagem é o meio através do qual se constrói a identidade de um lugar, tanto a partir de uma representação (que revela sentido), ou como uma existência material (a realidade das condições vividas) (Idem).

Contudo, a paisagem tem vindo a ser ameaçada principalmente devido a interferência humana e natural. Isso leva a que a paisagem de Chongoene, por exemplo, perca as suas características únicas e outras relacionadas com a identidade local. A este respeito, Knapp e Ashmen (1999) citados por Macamo (2006) consideram a paisagem como memória ligada à identidade de seus habitantes.

A ocorrência da concentração de concheiros ao longo da costa moçambicana demonstra o uso de moluscos para alimentação e condições naturais favoráveis ao estabelecimento humano.

Segundo Honguane (2007), a linha da costa moçambicana é caracterizada por uma diversidade de elementos que inclui praias arenosas, dunas costeiras, recifes de corais,

estuários, baías, florestas, pântanos de mangal e tapetes de ervas marinhas. Para Deblasis *et al* (2007) os concheiros fundamentam actividades económicas e sociais das comunidades, sendo assim espaço de domínio comum e epicentro da vida.

Esta afirmação pode ser fundamentada pelo facto de, Chongoene apresentar vários vestígios arqueológicos que demonstram que foram determinantes na vida das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores, como ossos (criação de gado), sementes (prática de agricultura) e conchas (variação da dieta).



Figura 1. Paisagem Chongoene (Foto: Maluvane 2019)

Como foi referido, o concheiro de Chongoene está localizado ao longo da linha costeira, numa zona de dunas e encostas, vegetação de mangal e planícies tidas como zonas de protecção que permitem a preservação dos concheiros. Segundo Honguane (2007), esta região é designada por costa dunar, sendo característica da zona sul do rio Save, onde as áreas porosas depositadas por agentes eólicos formam um aquífero freático regional.

Quanto ao seu contexto físico-geográfico, a linha da costa, na qual a estação de Chongoene está localizada, a par de outras regiões de Moçambique, resulta do longo processo de desenvolvimento histórico da Terra, que teve início no Pré-câmbrico e se prolonga até hoje (Idem).

Estes elementos são determinantes para a compreensão dos espaços utilizados pelo homem no passado, tidas como paisagens culturais. Tal como noutros contextos, a

paisagem de Chongoene, não é estática, ou seja, é dinâmica e está em contínua mudança devido a factores humanos e naturais.

Segundo Cardoso (2007) a degradação de parte do aparato arqueológico dificulta a recuperação de informações sobre a cultura de uma determinada sociedade, assim como a compreensão das sucessões culturais que se deram nos ambientes analisados.

Apesar do início das pesquisas arqueológicas no país datarem de 1907, o debate sobre o património arqueológico moçambicano já existia em algum tempo, mas só em 1988 é que foi criada uma Lei que protege o património arqueológico em Moçambique; a Lei n.º 10/88, de 22 de Dezembro, que determina a protecção legal dos bens materiais e imateriais do património cultural moçambicano.

Na província de Gaza as regiões de importância paisagística têm sido geridas através do programa de manutenção de dunas, para além dos aspectos de protecção, destinam-se a criarem beleza natural de interesse turístico (MAE 2014).



Figura 2. Áreas turísticas da praia de Xai-Xai próximo a estações de Chongoene (Foto: Maluvane 2019).

Estes ecossistemas e a biodiversidade estão sob pressão devido à expansão urbana, sem controle como o desenvolvimento do turismo e da economia, poluição do ar, rios e solos, caça artesanal, erosão, mudanças climáticas sobretudo a subida do nível do mar e o desmatamento. O desmatamento, por exemplo, pode acabar com os habitats de

espécie que dependem deles para viver. Portanto, a redução da diversidade biológica compromete a sustentabilidade e a disponibilidade permanente dos recursos ambientais (Andreoli *et al* s/d).

A pressão sobre os habitats e as zonas costeiras diminuem não só o valor dos benefícios à pesca, à biodiversidade, ao turismo como também a sua função como berçário (Política e estratégia do Mar, 2017).

Para preservar e proteger a riqueza existente no nosso país, Moçambique segue a tendência mundial de criar áreas naturais protegidas legalmente, criando parques (áreas delimitadas dotadas de atributos naturais, objectos de conservação permanente destinados a fins educativos, culturais, científicos e recreativos) e reservas, onde não é permitida a presença humana e o uso dos recursos naturais é restrito (Lei n.º 5/2017, de 11 de Maio).

Quanto à presença humana nas áreas protegidas, Texeira (2018) defende que é importante manter as comunidades dentro das áreas protegidas, pelo facto de estas possuírem experiência no manuseamento adequado das florestas visando o seu próprio sustento. Para outros autores, todavia, a ideia é totalmente oposta e sugerem que as principais causas de extinção de ecossistemas e da biodiversidade nas áreas protegidas estão ligadas intimamente à presença das comunidades.

2.2. Os Concheiros e a paisagem

Na faixa litoral moçambicana são encontrados sítios arqueológicos dos quais os concheiros são mais destacados e agregados à paisagem. São conhecidos como restos de cozinha e de desperdícios diversos (Martinez *et al* 1969). Em termos paisagísticos e geográficos encontram-se no topo das dunas e reconhecem-se pelas enormes quantidades de conchas.

Além de conchas são encontrados também vestígios como cerâmica, escórias de fundição de ferro, carvão, ossos de animais e outros. Estes vestígios testemunham a presença das comunidades ao longo da costa moçambicana, e as conchas como suplemento importante para as suas dietas.

No entanto, são sítios arqueológicos que sempre chamam atenção na paisagem (Afonso 2017). O mesmo autor argumenta que os concheiros configuram a intersecção de variáveis geológicas, ambientais e culturais, apesar de ser um rico campo de estudos

relacionado ao passado e ainda pouco explorado. Ele acrescenta que os concheiros são indicadores das economias costeiras pela alta visibilidade, preservação e representam uma oportunidade de estudar as relações de longa duração entre mudanças ambientais, económicas, simbolismo e organização social do passado.

Para Mendonça & Oliveira (2014), a paisagem está em permanente movimento, porque é expressão da articulação entre espaço e tempo. Nesta ideia, Santos (1988) argumenta que a paisagem depende do lugar onde estamos, ou seja, a dimensão da paisagem é a percepção de cada um.

De forma abrangente, Gallo (2010) argumenta que a paisagem enquanto espaço físico natural e cultural trata de processos vividos pela sociedade, por sua vez debatidos em diferentes espaços sociais que visam aprender sobre a realidade para transformá-la. Esta ideia é também partilhada por (Santos 1996 citado por Copé 2015) a paisagem existe por meio de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento actual, a paisagem é transtemporal, juntando objectos do passado e do presente.

Segundo Cardoso (2016), os resultados da interacção natural e cultural dos vestígios arqueológicos podem ser divididos em dois grupos: os vestígios arqueológicos directos e os indirectos. Vestígios arqueológicos directos são artefactos que foram deixados por sociedades passadas (objectos cerâmicos, conchas), enquanto os vestígios indirectos são as interpretações que são feitas a respeito dos modos de vida de tais povos (fogueiras e acampamentos).

Os concheiros como vestígios arqueológicos que evidenciam as antigas actividades humanas são grandes montes artificiais compostos por restos faunísticos característicos da região litoral, acumulados durante longos anos e formando marcos paisagísticos (Callapaz *et al* 2016).

Para Oliveira *et al* (2013), os concheiros são especificamente formados pela acumulação intencional de materiais. Por consequência, o estudo dos processos de formação desses locais é um excelente caminho para a compreensão das acções sociais que culminaram na sua construção. Ele adianta que, para a interpretação desses processos, assim como dos aspectos funcionais, organizacionais, ideológicos é fundamental a análise dos sítios na sua totalidade.



Figura 3. Vista da paisagem e concheiros (Foto: Maluvane 2019)

Desta maneira, é importante um estudo do substrato da paisagem, ou seja, a identificação das bases sobre as quais o concheiro começou a ser construído e dos factores que levaram as populações a se estabelecerem no local (Afonso 2017).

Alguns produtos dos ecossistemas marinhos e costeiros têm sido apropriados para uso directo pelas comunidades para o consumo, a saúde, a ornamentação e a renda. Infelizmente, o estudo e a descrição do acervo cultural sobre o mar é escasso e a erosão da memória colectiva não facilitam o uso da herança cultural associada ao mar (Política e Estratégia do Mar, 2017), o que seria uma vantagem para o benefício das comunidades locais, vivendo na costa, conforme as actuais abordagens sobre o Património Cultural Marinho da *Rede Rising from the Depths* (<https://risingfromthedepts.com/about/>). O presente estudo contribui para esta abordagem.

CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA EM ESTUDO

O capítulo seguinte contextualiza a paisagem cultural do ponto de vista geográfico de Chongoene com o objectivo de conhecer a sua localização, caracterização do clima, solos, vegetação, fauna, para a descrição do concheiro e da paisagem.

3. Localização geográfica da área de estudo

O Distrito de Chongoene situa-se a norte da província de Gaza. É limitado, a ocidente pelo Distrito de Chibuto (Posto Administrativo de Malehice), a leste, pelo Oceano Índico, a norte pelo Distrito de Manjacaze e a sul pela Cidade de Xai-Xai. Dista a 15 km desta capital provincial (MAE 2014). A estação arqueológica (área de estudo) encontra-se nas seguintes coordenadas geográficas: Latitude $25^{\circ}05'30''$ S e Longitude $33^{\circ}40'30''$ E (2533Ba2) (Morais 1988). O concheiro de Chongoene está localizado no distrito de Chongoene (Macamo 2003).

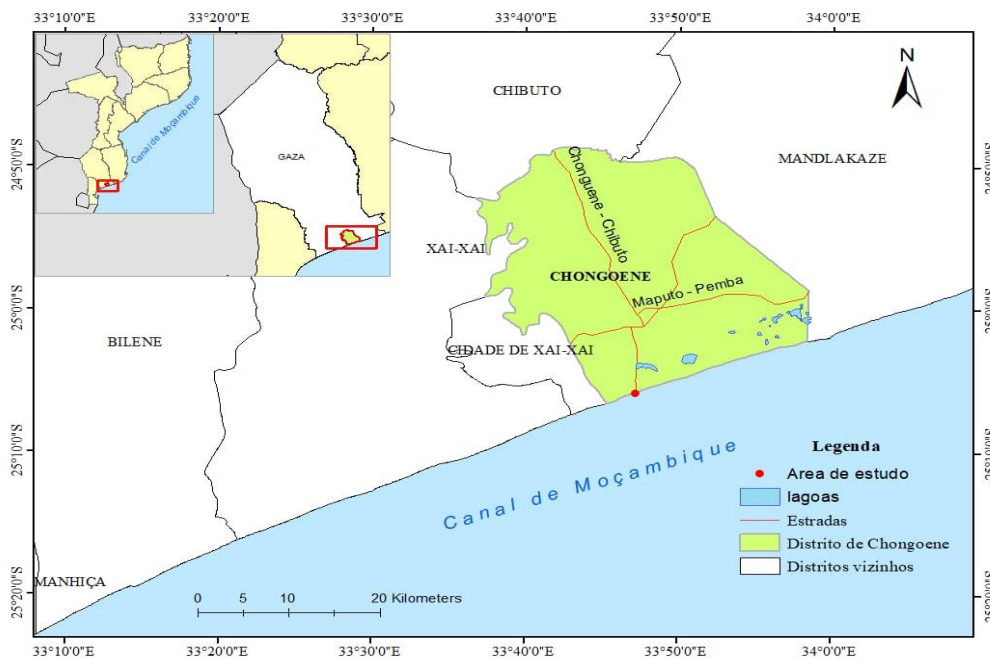


Figura 4. Mapa de localização geográfica (Fonte: CENACARTA, 1999 adaptado por Maluvane 2021)

3.1. Clima

De acordo com a Climate-Data.org, Chongoene apresenta clima tropical. Há menos pluviosidade no inverno que no verão. Chongoene está integrada na zona de influência de sistemas frontais que transportam massas de ar polar marítimo que podem originar chuvas e aguaceiros na época fresca e trovoadas na época quente (MAE 2014).

A pluviosidade média anual é de 878 mm, sendo a menor de 29 mm, no mês de Agosto (mais seco), uma média de 129 mm, no mês de Fevereiro (com maior precipitação). O mês de Janeiro é o mais quente do ano, com uma temperatura média de 25.9° C. A temperatura média mais baixa é no mês de Julho, com 18.5° C (Idem).

3.2. Aspectos naturais

a) Vegetação

O Distrito de Chongoene apresenta diferentes tipos de vegetação: Arbustos, floresta artificial mista e floresta natural, em constante transformação devido à sua exploração para aquisição do material de construção, lenha e prática de artesanato. Devido à precipitação, o período de crescimento vegetal decresce da costa para o interior, variando de 308 dias (MAE 2014).

A vegetação da costa é caracterizada por árvores de savanas secas, florestas franja, um largo mosaico de flora aquática de rios aluviais (Wild & Fernandes 1967 citado por Nhatsave 2018). A floresta da zona do litoral apresenta dunas e encostas muito inclinadas, com vegetação de mangal e planície em toda a costa (MAE 2005).

Esta é a maior variedade de flora associada em Moçambique, proveniente de forma considerada das regiões propícias das Comunidades de Agricultores e Pastores (Morais 1988).

b) Geomorfologia

As dunas de Chongoene são resultado das irregularidades da superfície terrestre tanto no subsolo como também na superfície, sobretudo devido à força do vento. Deste modo, as dunas não só constituem barreiras para o continente, como também são um organismo vivo geralmente cobertas de vegetação o que vem a aumentar húmus na crosta terrestre

(MICOA 2008), logo, as dunas são importantes para o ambiente como para os ecossistemas marinhos e terrestres.

c) Solos

Chongoene situa-se numa região caracterizada por solos tipicamente arenosos, mas nas bordas do baixo Limpopo existem solos férteis e nos arredores da costa com solos muito finos e boa textura. Dentro das planícies arenosas existe um declive com níveis suavemente ondulados (FAO/INIA 1982; FAO/UNESCO 1973; FAO 1978).

A região que integra Chongoene juntamente com outros distritos está dividida em duas unidades morfológicas: o planalto arenoso (serra) e o vale. Os solos da serra são predominantemente arenosos, grosseiros muito profundos. As cores variam de laranja a acastanhados e de esbranquiçados a vermelhos (MAE 2014).

As areias vermelhas têm uma melhor retenção de água e noutras outras regiões são húmidas, apresentando uma camada turfosa (machongos) de 20 a 100cm, cobrindo solos arenosos ou argilosos finos (Idem).

A mudança das condições de humidade no tempo nesta região oferece possibilidades para o cultivo de uma grande variedade de culturas durante o ano (MAE 2014).

d) Fauna

É composta por diferentes espécies com destaque para o cabrito cinzento e amarelo, macaco cinzento, lebre, entre outros.

No âmbito da abordagem levantada no capítulo 2, sobre a Rede Rising from the Depths, os mecanismos existentes para melhor gestão dos recursos naturais, incluem a divulgação da Lei de Terras, a criação de comités de gestão, bem como a realização de encontros com as comunidades locais, divulgando as boas práticas ambientais (prevenção de queimadas descontroladas e a exploração sustentável dos recursos naturais) (MAE 2014).

O capítulo seguinte permite perceber a ligação entre a estação arqueológica de Chongoene com a paisagem cultural, para a preservação dos concheiros e a compreensão do modo da ocupação e exploração humana da região, pelas Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores (Capítulo 1).

CAPÍTULO III. CHONGOENE E AS PAISAGENS CULTURAIS

Este capítulo insere-se na história da investigação de Chongoene desde o final da década de 1960, passando pelo período pós Independência até ao presente, através das observações preliminares da Escola de Campo realizada em 2019, sob a coordenação de Solange Macamo, arqueóloga do DAA e Paul Lane, então Coordenador do projecto Bicultural Heritage, pela Universidade de Uppsala, Suécia.

Numa primeira fase é feita a descrição dos concheiros que são objecto de estudo. Na segunda fase, é feita uma interpretação integrada dos recursos arqueológicos e da paisagem cultural, para a preservação dos concheiros, considerando o seu significado cultural, para as comunidades locais, vivendo na costa. Estes elementos são discutidos, de forma a melhor entender a preservação dos concheiros no contexto das paisagens culturais, em Chongoene.

4. Descrição dos concheiros

Os Concheiros de Chongoene encontram-se ao longo da costa da província de Gaza (perto da cidade de Xai-Xai). Segundo (Martinez *et al* 1969; Adamowicz 2003; Macamo 2003) registam-se os seguintes sub-grupos de concheiros:

Chongoene I- Localiza-se a cerca de 1.300 metros do velho Hotel da praia do Chongoene, no topo de uma duna antiga já consolidada.

Chongoene II- Localiza-se a 300 metros do velho Hotel da praia do Chongoene em direcção da antiga praia Sepúlveda (Xai-Xai).

Chongoene III- Seguindo pela estrada da costa a cerca de 1.500 metros do antigo Hotel da praia do Chongoene, onde o concheiro aparece numa encosta ligeira.

Chongoene IV –descoberto durante a construção do velho Hotel de Chongoene.



Figura 5. Concheiro de Chongoene (Foto: Maluvane 2019).

4.1. O contexto natural e paisagístico dos concheiros

A natureza é a fonte de recursos naturais, fonte de saúde e da recreação dos homens. Alguns recursos naturais tal como o ar para a respiração e a energia solar como fonte do calor, satisfazem as necessidades do homem, independentemente da sua influência (Muchangos 1999).

Neste contexto, as paisagens e regiões naturais transformam-se extremamente em paisagens culturais sob acção do homem, que é ditada pelas condições de produção e pelas necessidades sociais e de desenvolvimento da ciência (Idem).

Por conseguinte, para compreender os fenómenos e os processos paisagísticos é necessário conhecer as formas de utilização da natureza na actualidade e no passado. O termo paisagem cultural aqui referido cobre um amplo aspecto, desde os aspectos ecológicos passando pela perspectiva histórica e a biodiversidade da paisagem construída, até a sua futura utilização.

As paisagens culturais contemporâneas exibem formas, estruturas, história de uso, aspectos que remetem à sua origem e desenvolvimento contribuindo assim à biodiversidade actual, e representam um bem cultural que deve ser preservado enquanto herança regional, nacional e local (Copé 2015).

Neste contexto, a paisagem de Chongoene permite-nos fazer analogias e interpretações sobre as vivências no passado e sua transformação através da observação dos elementos nela contida (linha da costa oceânica, vegetação, recursos marinhos, solos e vestígios

arqueológicos) que em conjunto formam um lugar com significado cultural e paisagístico.

Estas paisagens têm vindo a ser ameaçadas principalmente pela interferência humana e natural. As características únicas da paisagem e outras relacionadas com a identidade territorial e local vão desaparecendo consoante os lugares, e as regiões vão sendo de forma crescente, tanto económica como culturalmente afectadas devido a estes fenómenos (humanos naturais) (Roca & Oliveira s/d).

Segundo Reis (2010), as zonas litorais apresentam ecossistemas únicos e irreconstituíveis à escala humana. Para ele, actualmente, nestes locais, o equilíbrio é posto em causa devido à erosão costeira que destroem os habitats naturais e os povoados humanos, afectando as actividades económicas e ameaçando a vida humana.

Entretanto, as qualidades ou características naturais e culturais associadas à paisagem podem informar-nos, tanto sobre eventuais ameaças que esta esteja a sofrer, como sobre as oportunidades para o estabelecimento de elementos identitários dos lugares e regiões, tais como os contextos biofísico, sócio-cultural ou sócio-económico (Mitchel 1991).

Assim, a paisagem é o meio através do qual se constrói a identidade de um lugar, tanto a partir de uma representação (que revela sentido), ou como uma existência material (a realidade das condições vividas) (Idem).

Para Knapp e Ashmen (1999) citados por Macamo (2006), a paisagem como memória está ligada à identidade de seus habitantes. Ela é geralmente explicada pelas pessoas que fazem parte de um ambiente específico, natural ou transformado e da paisagem como ordem social que oferece uma chave para interpretar sociedades usando fontes arqueológicas e outras evidências (Macamo 2006).

A ocorrência da concentração de concheiros ao longo da costa do oceano Índico demonstra o uso de moluscos para alimentação no passado, mas detém outras condições naturais favoráveis ao estabelecimento humano. Honguane (2007) considera que a linha da costa moçambicana é caracterizada por uma diversidade de elementos que incluem praias arenosas, dunas costeiras, recifes de corais, estuários, baías, florestas, pântanos de mangal e tapetes de ervas marinhas.

DeBlasis *et al* (2007) afirmam que os concheiros foram um lugar central na medida que fundamentam actividades económicas e sociais das comunidades, sendo assim espaços de domínio comum e epicentro da vida.

Esta afirmação, pode ser fundamentada pelo facto de Chongoene apresentar vários vestígios arqueológicos que demonstram que foram determinantes na vida das Comunidades de Agricultores e Pastores. Estes elementos são determinantes para a compreensão dos espaços utilizados pelo homem no passado.

Segundo Waters & Kuehn (1996) citados por Calippo (2004), independentemente do ambiente, o registo arqueológico, vem sendo condicionado pelos mesmos processos que moldam as paisagens. Porém, as condições ambientais são as principais responsáveis em determinar o que será preservado e destruído num contexto paisagístico.

4.2. Significado cultural dos concheiros e das paisagens de Chongoene

A partir da análise da paisagem, levantam-se questões sobre o modo de vida das comunidades passadas a partir do estudo das formas da ocupação do espaço e das habitações, assim como das matérias-primas utilizadas para obtenção dos moluscos e produção da cerâmica.

Das observações preliminares efectuadas em 2019, verificou-se que, actualmente, em Chongoene, existem duas comunidades actuais (pescadores e agricultores), com características diferentes nas práticas das actividades, mas que se associam nas memórias do passado. Estas comunidades carregam consigo histórias assentes em vestígios de ocupações mais antigas, isto é, existe um estilo vida ligada as práticas agrícolas, pesca e a criação de gado.

Estas comunidades recolhem conchas de molusco para a manufactura de objectos de adorno (colares, pulseiras e brincos) que são usados no dia-a-dia. Servem também para decorar as casas feitas de "*dhaka*" termo usado por Macamo (2006) para designar casas feitas a partir de barro.

Deste modo, Chongoene é parte do quotidiano das comunidades locais, testemunhando as práticas culturais associadas à produção de alimentos, uso de recursos ambientais, dentro do espaço e tempo cronológico.

A paisagem como componente integrante do património cultural, constitui herança de um grupo de pessoas e que reforçam emocionalmente o seu sentido de comunidade com uma identidade própria, sendo percebidos por outros como característicos da própria comunidade (Jopela 2012).

Como elemento da política de preservação à escala nacional ou local, a noção de paisagem cultural traz uma nova forma de apreensão do espaço a ser preservado, ou por outra, a valorização do conteúdo histórico da relação entre o homem e o ambiente (Pimenta s/d).

O estudo da paisagem em arqueologia incide no uso de diferentes categorias e de áreas do conhecimento, tendo como foco principal a compreensão das relações existentes entre humanos e seu ambiente.

Porém, a paisagem de Chongoene tem uma importância cultural, pois simboliza as ligações culturais entre a comunidade e seu meio ambiente através da diversidade dos vestígios arqueológicos. Ela dispõe de um intacto ecossistema com uma rica biodiversidade. Trata-se de uma paisagem de savana, espaçada com árvores, arbustos e flora aquática, por conta da vegetação da costa, caracterizada por árvores de savanas secas e arbusto, assim como de um vasto mosaico de flora aquática (Wild & Fernandes 1967 citados por Nhatsave 2018).

A interacção histórica entre a cultura dos diversos povos e o meio ambiente marinho em Moçambique tem produzido práticas, influências e diversos produtos culturais únicos. Deste modo, as paisagens e os sítios ao longo da costa atraem o turismo devido ao seu valor estético e histórico (Política e estratégia do Mar, 2017).

4.3. Tabela de legislações sobre a protecção do património Natural e cultural

Património cultural	Património natural
Lei nº 10/88 de 22 de Dezembro 1988. Lei de Protecção Cultural determina a protecção legal dos bens materiais e imateriais do património cultural moçambicano.	Lei nº 19/97 de 1 de Outubro de 1997. Aprova a Lei de terras.
Decreto nº 27/94 de 20 de Julho. Aprova o Regulamento de Protecção de Património Arqueológico e a composição do Conselho Nacional do Património cultural.	Lei nº 5/2017 de 11 de Maio de 2017. Aprova a Lei de Protecção, Conservação, e Uso sustentável da Diversidade Biológica.
Resolução nº 12/2010 de 2 de Junho de 2010. Aprova a Política de Monumentos, tem como objecto a preservação e valorização de bens imóveis do património cultural de Moçambique, de forma a garantir a sua fruição pública.	Lei nº 20/97 de 01 de Outubro de 1997. Aprova a Lei do Ambiente.
Resolução nº 12/97 de 10 de Junho 1997, que aprova a Política Cultural e a Estratégia da sua Implementação.	
Decreto nº 55/2016 de 28 de Novembro 2016. Regulamento sobre a Gestão de Bens Culturais Imóveis.	Resolução nº 39/2017 de 14 de Setembro 2017. Aprova a Política e Estratégia do Mar.
Resolução nº 11/2010 de 2 de Junho, que aprova a Política de Museus.	Lei nº 4/2004 de 17 de Junho de 2004. Aprova a Lei do Turismo.

Legislação Internacional UNESCO, 1972

Convenção da UNESCO para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural (1972), adoptado por Moçambique em 1982

CEP, 2013. Convenção Europeia da Paisagem

ONU – Organização das Nações Unidas (1972) - Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano.

4.4. Os valores patrimoniais da paisagem

a) Valores naturais e ecológicos

Os valores naturais e ecológicos presentes na paisagem de Chongoene estão directamente relacionados com a qualidade do meio, e concentram-se na zona costeira e nas dunas. Referem-se ao conjunto da vegetação costeira das areias e dunas, corpo de águas e à fauna marinha.

b) Valores estéticos

São elementos ou conjunto de elementos da paisagem que têm a capacidade de transmitir e despertar um sentimento de beleza, em função do seu significado adquirido ao longo do tempo. Em Chongoene existem duas paisagens: a paisagem litorânea (destaca-se pela beleza das praias recortadas) e a paisagem das dunas.

c) Valores Históricos

Este valor reconhece a contribuição que um lugar prestou para o nosso conhecimento sobre o passado (Jopela 2012). Referem-se às marcas mais relevantes deixadas pelo homem na paisagem ao longo da história. Os valores históricos mais antigos da estação arqueológica de Chonguene são representados pelos vestígios pré-históricos (concheiros, cerâmica e material lítico), mas com valor arqueológico, deixados pelas antigas Comunidades de Agricultores e Pastores ao longo da costa.

d) Valores simbólicos e identitários

Segundo Jopela (2012), estão relacionados com o vínculo emocional (espiritual, religioso, simbólico, político, patriótico). Estes valores estão relacionados com a sensação de pertença ao lugar (segundo Solange Macamo, comunicação pessoal 2021). A paisagem é vista, assim, como uma grande carga simbólica ou identitária para as comunidades locais.

e) Valores de Uso Social

Os valores de uso estão relacionados com as sociedades presentes e as suas estruturas sócio-económico e políticas (Jopela 2012). Abrangem as qualidades pelas quais o lugar se tornou um foco espiritual ou de outras manifestações culturais (Idem). Referem-se à utilização que um indivíduo ou um colectivo faz ou dá à uma paisagem. Estão

relacionados com actividades de diversão e lazer, turismo, repouso, observação da paisagem, prática de desporto aquático, caminhadas junto à natureza, apresentações culturais e pesquisas em diversas áreas.

f) Valores naturais

Constituem os elementos da biodiversidade, como as paisagens, territórios, habitat ou geossítios (Lei 5/2017).

4.5. A preservação das paisagens culturais e dos concheiros: Discussão

Os valores patrimoniais mencionados até aqui, neste capítulo, possuem um eixo transversal, ligação com o mar e a cultura das CAPs, existindo um estilo de vida ligado com a cultura da pesca artesanal, mas também às práticas agrícolas.

Este estilo de vida, de identidade pode ser encontrado ao longo da costa litoral do território moçambicano, sendo praticado com grande intensidade pelas comunidades consideradas tradicionais

As mudanças climáticas constituem umas das maiores ameaças para a preservação do património cultural e natural. Portanto, Chongoene é uma área habitada por populações tradicionais, sendo que, actualmente, as escolas podem ser um importante elo de ligação entre o conhecimento tradicional e o conhecimento científico, visando a preservação da própria área. Essa experiência pode ser apreendida a partir da educação ambiental. A educação ambiental pode ser entendida como um processo pelo qual uma colectividade ou individualidade passa para a construção de valores sociais, conhecimentos, habilidades e competências com a finalidade de preservação do meio ambiente de maneira sustentável (Castro & Canhedo 2014).

Nesse sentido, o papel da escola no processo educativo pode ajudar na difusão do termo biodiversidade e sua importância para as comunidades locais. Castro & Canhedo (2014) afirmam que a educação ambiental permite que o indivíduo, como membro de um fórum disponha de instrumentos que lhe possibilitam compreender a complexidade do meio ambiente, não apenas dos seus aspectos biológicos e físicos, mas ainda, dos sociais, económicos e culturais. Essa ligação entre a escola e a comunidade possibilitaria a aquisição de conhecimento, habilidades, valores, a mudança de

comportamentos que visam a gestão sustentável dos recursos naturais e culturais nas comunidades onde as escolas estão inseridas.

Uma avaliação periódica das estações arqueológicas (monitorização) mostra-se como um programa que não deve ser descartado. Afinal, para se atingir um resultado satisfatório é necessário corrigir aos poucos os erros do passado e aprimorar o futuro. Este feito, só será possível se houver estudos mais aprofundados (Crespo & Urias 2011). A arqueologia está constantemente trazendo à luz testemunhos do passado que precisam ser documentados de maneira rigorosa, mas que nem sempre podem ser devidamente preservados.

CAPÍTULO IV

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

I- Conclusões

Gostaria de mostrar neste trabalho que o património (considerado como bem cultural) e a paisagem (enquanto espaço físico natural e cultural) são temas transversais, ou seja, tratam processos vividos pela sociedade, debatidos em diferentes espaços sociais. Os estudos sobre a paisagem colocam-se como uma ferramenta para a compreensão das populações do passado por meio da análise paisagística e ambiental e não como a investigação dos espaços em si.

A área de estudo foi seleccionada, intencionalmente, por ser constituída por diversos elementos e a mesma foi determinante para diversificação do modo de vida das Primeiras Comunidades de Agricultores e Pastores, que fizeram o uso de benevolência da natureza através da exploração de recursos marinhos. Este cenário possibilitou melhor organização social das mesmas.

O objectivo desta investigação foi de mostrar como as paisagens culturais podem ajudar na preservação dos concheiros de Chonguene. As observações preliminares possibilitaram a identificação dos principais factores envolvidos, os impactos sócio-ambientais resultantes e o contexto local, para a preservação das paisagens culturais e dos concheiros.

Com a finalidade de conseguir uma melhor compreensão dos factores determinantes dos modos de uso da floresta ao nível do país e na área de estudo, em particular, analisou-se o quadro legal e institucional do sector das florestas e do património cultural, através do exame dos valores patrimoniais. A partir dos conteúdos dos instrumentos legais analisados, pode-se afirmar que Moçambique possui uma legislação que aborda as questões de gestão sustentável dos recursos naturais e patrimonial, mas que estudos como este deverão continuar, para o aprofundamento da sua implementação.

Ao longo da investigação procurou-se aferir as razões que contribuem para a degradação das paisagens e dos concheiros, deixando vulneráveis os vestígios arqueológicos e respectivos registos históricos formados durante vários séculos. Os constrangimentos da sua preservação advêm de factores humanos (avanço do turismo,

exploração desenfreada dos recursos naturais, caça, agricultura artesanal etc) naturais (mudanças climáticas, erosão). Nesse sentido, no futuro há necessidade de serem efectuados estudos geo-arqueológicos e paisagísticos de modo a criar uma estratégia para a sua preservação.

A contribuição da arqueologia no estudo das paisagens contemporâneas possibilita resgatar a génese e o desenvolvimento da paisagem de Chongoene, para a ampla cobertura temporal e espacial, ou por outra, na multidisciplinaridade da arqueologia e na geração de uma herança cultural.

Os resultados deste estudo vão contribuir para as abordagens sobre o envolvimento de vários actores na tomada de decisão para garantir a sua preservação, tendo em conta que o património em análise têm vindo a ser ameaçado principalmente pela interferência humana e natural. As características únicas da paisagem e outras relacionadas com a identidade territorial e local vão desaparecendo, tanto económica como culturalmente devido a estes fenómenos. Apesar destes constrangimentos o seu contexto funcional ainda está presente.

II- Sugestões e recomendações

Depois de um intensivo estudo sobre a temática e da complexidade que gira sobre a preservação dos concheiros a partir das paisagens culturais são avançadas algumas sugestões e recomendações. São inspiradas tanto no *Biocultural Heritage Project* como também nas abordagens da *Rede Rising from the Depths*.

O concheiro e as paisagens descritos nesta pesquisa correm perigo de degradação. Por isso, a criação de um Parque Arqueológico e de Património Biocultural, um projecto recentemente aprovado, com o patrocínio da Fundação Gerda Henkel, para beneficiar as comunidades locais, vivendo na costa, Chongoene mostra-se como uma ideia eficaz. Esse feito pode suscitar a vontade dos órgãos locais competentes para implementarem medidas satisfatórias de preservação do património aqui relatado, em particular os concheiros, no contexto das paisagens culturais. As seguintes sugestões e recomendações são adaptadas de Cardoso (2016)

- ✓ O património arqueológico deve ser valorizado a partir dos conhecimentos adquiridos nas pesquisas realizadas em sítios arqueológicas;

- ✓ Deve-se ressaltar a importância da conscientização da população e do poder público em relação à preservação dos sítios arqueológicos;
- ✓ Devem ser levadas a cabo estratégias de obtenção de receitas a partir das paisagens culturais para estímulo do turismo científico, desportivo, de forma que possa contribuir na sua protecção.
- ✓ A educação patrimonial é importante, pois as comunidades passam a ter conhecimento sobre a importância dos povos passados que construíram tais sítios;
- ✓ É importante ter em mente que os sítios arqueológicos não são renováveis, pelo que, caso sejam danificados, não serão mais recuperados. Ter conhecimento sobre as origens humanas é necessário para que ocorra uma maior identificação do homem com as suas raízes sociais e também culturais.
- ✓ São necessários mais programas para a salvaguarda do património natural e arqueológico, pois já se perdeu grande quantidade de informações que não podem mais serem recuperadas.
- ✓ Por fim, é sabido que a preservação da biodiversidade e a protecção do património natural e cultural não implicam necessariamente confrontar o progresso do homem e o retorno da sociedade ao convívio primitivo com a natureza (Cardoso 2016), mas sim resgatar as experiências emocionantes do passado!

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adamowicz, L. 2003. Geografia do Património Cultural de Moçambique. *In blog Historiando: debates e ideias*. Maputo .

Afonso, M. A. 2017. Arqueologia dos sambaquis no litoral de São Paulo: análise da distribuição dos sítios e cronologia. *In: Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas*.

Alper, E. A. 2019. Mocambique marítimo (Séculos XIV-XXI). *Revista de História* (São Paulo). Universidade da Califórnia (UCLA). EUA.

Andreoli *et al.* s/a. Biodiversidade: A importância da preservação ambiental para manutenção da riqueza e equilíbrio dos ecossistemas. Disponível na Internet <http://www.socioambiental.org/website/parabolicas/edicoes48/reportag/pg3.htm>.

Acesso em 25/09/2020.

Badenhorst, S; Sinclair, P; Ekblom, A; & Plug, I. 2011. Faunal remains from Chibuené, an Iron Age coastal trading station in central Mozambique. *Southern African Humanities*.

Calippo, L. R. 2004. Os Sambaquis submersos de Cananéia: Um estudo de caso de arqueologia subaquática. Dissertação de Mestrado. São Paulo.

Callapez, P *et al.* 2016. Moluscos em contextos arqueológicos portugueses: importância e estado da arte. Braga: Estudos do Quaternário.

Cardoso, R. S. 2016. *Transformação da paisagem: os Sambaquis e relação como património arqueológico no Município de Guarapari no período 1984-2001*. (Dissertação Mestrado Profissional em Património Cultural, Paisagens e Cidadania). Universidade Federal de Viçosa.

Castro, M. L & Canhedo Jr, S. G. 2014. Educação Ambiental Como Instrumento de Participação. *In: JR, A. P.; pelicioni, M. C. F. Educação Ambiental e Sustentabilidade*.

Chambe, C. F. 2015. *Chonguene estacao arqueologica em vias de desaparecimento*. Monografia (Licenciatura em Arqueologia)-Departamento de Arqueologia e Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

Chiure, C. A. 2019. A Importância das áreas de conservação para o desenvolvimento local sustentável através do turismo na zona tampão do Parque Nacional de Limpompo. Dissertação de mestrado pelo Instituto Politécnico de Coimbra. Portugal

Copé, S. M. 2015. A gênese das paisagens culturais do planalto Sul brasileiro. *Estudos avançados* 29 (83), pp 149-171.

Costa, L. 2010. Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural. *In: Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul.*

Crespo, J. & Urias, P. 2011. Algumas reflexões sobre a preservação do património natural e cultural em áreas propensas às actividades minerárias. *In: Revista de pesquisa em arquitectura e urbanismo.*

Crispo, F. 2011. A Paisagem Cultural como novo instrumento de preservação, a historicidade de uma prática em contexto paulista (1968-1994). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH.* São Paulo.

Cruz & Silva, T. 1978. O Sul de Moçambique (*e o povoamento da África Sul - Oriental na Idade do Ferro Inferior: algumas considerações*). Maputo: Centro de Estudos Africanos/ LETRAS.

Cruz e Silva, T. 1976. A preliminary report on an early iron age site: Matola IV/68. Maputo: Instituto de Invest

Deblasis *et al.* 2007. Sambaquis e paisagem: Dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *Arqueologia Sul-americana.*

Duarte, R. T. 1988. “Arqueologia da Idade de Ferro em Moçambique (1974 a 1988): Retrospectiva do trabalho realizado”. *In: Trabalhos de Arqueologia e Antropologia, n°5,* Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de Arqueologia e Antropologia.

Ekblom, A *et al.* 2014. Land use history and resource utilization from A.D. 400 to the present, at Chibuene, southern Mozambique. *Vegetation History and Archaeobotany,* New York. Vol 23.

Gallo, S. 2010. Conhecimento, transversalidade e currículo. Disponível em: <https://www.google.com.br/webh>. Acessado:10/12/2019.

Hoguane, A. M. 2007. Perfil Diagnóstico da Zona Costeira de Moçambique. *In: Revista de Gestão Costeira Integrada.* Maputo.

igação Científica de Moçambique/Universidade Eduardo Mondlane.

Jopela, A. 2012. Definição de Conceitos-Chave. *In. Manual de Conservação de Património Cultural Imóvel em Moçambique.*

- Jotabá, L. 2006. Noções básicas de Geomorfologia. Texto de apoio.
- Macamo, S. 2003. *Dicionário de Arqueologia e Património Cultural de Moçambique*. Maputo: UEM/ DAA
- Macamo, S. 2006. Privileged places in south central Mozambique: *The Archaeology of Manyikeni, Niamara, Songo and Dengue-Mufa*. Maputo/Uppsala: Studies in Global Archaeology 4.
- Macamo, S. 2009. *Estação arqueológica de Chibuene*. Ministério da Cultura/DNPC.
- Macamo, S. 2009. Valores patrimoniais. *Texto de Apoio*. UEM/DAA.
- Macamo, S. 2021. Conceitos sobre o património Cultural e Natural: Uma interpretação integrada do Património Cultural e Natural. Texto de apoio. DAA/UEM.
- Madiquida, H. 2007. *The Iron-using Communities of Cape Delgado Coast from AD 1000*. Studies in Global Archaeology 8. (Tese de Mestrado). Uppsala, Department of Archaeology and Ancient history.
- Martinez, J. C. S. *et al.* 1969. “Levantamento Arqueológico do sul de Moçambique. Concheiros da costa”. Centro de Estudo de Arqueologias. Lourenço Marques.
- Meneses, M. P. 1988. Idade da Pedra em Moçambique (os primórdios da Sociedade Humana: evidencias arqueológicas. In: *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia*. Nº 5.
- Meneses, M. P. 2002. *Glossário de Alguns Conceitos e Termos utilizados em Arqueologia*. DAA/UEM.
- Ministério da Administração Estatal-MAE. 2014. Perfil do Distrito de Xai-Xai Província de Gaza. Available online: <http://www.portaldogoverno.gov.mz>
- Mitchell, D. 1991. *The Lie of the Land: Migrant Workers and the California Landscape*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Moçambique, Decreto nº 27/94 de 20 de Julho. Aprova o Regulamento de Protecção de Património Arqueológico e a composicao do Censelho Nacional do Ptrimonio Cultural. **Boletim de Republica**, I Série, nº 29, p. 1-8. 1994.

Mocambique, Lei n.º 5/2017, de 11 de Maio, Lei da Conservação da Biodiversidade.

Boletim da República, n.º 73, I Série. Maputo.

Moçambique, Lei n.º 10/88 de 22 de Dezembro 1988. Lei de Protecção Cultural, determina a protecção legal dos bens materiais e imateriais do património cultural moçambicano. **Boletim da República**, Maputo, I Série, n.º 51, p. 15-17. 1988.

Moçambique, Lei n.º 19/97 de 1 de Outubro de 1997. Aprova a Lei de terras. **Boletim da Republica**, Maputo, I Série, n.º40, p. 19-24, 1997.

Moçambique, Lei n.º 20/97 de 01 de Outubro de 1997. Aprova a Lei do Ambiente. **Boletim da Republica**, Maputo, I Série, n.º 40, 19-24, 1997.

Moçambique, Lei n.º 4/2004 de 17 de Junho de 2004. Aprova a Lei do Turismo. **Boletim da Republica**, Maputo, I Série, n.º 24, p. 1-5, 2004.

Moçambique, Lei n.º 5/2017 de 11 de Maio de 2017. Aprova a Lei de Protecção, Conservação, e Uso sustentável da Diversidade Biológica. **Boletim da República**, Maputo, I Série, n.º 73, p. 406-419, 2017.

Moçambique, Resolução n.º 12/2010 de 2 de Junho de 2010. Aprova a Política de Monumentos. **Boletim da Republica**, Maputo, I Série, n.º 22, p. 130-138. 2010.

Mocambique, Resolucao n.º 39/2017 de 14 de Setembro 2017. Aprova a Política e Estratégia do Mar. POLMAR. **Boletim de Republica**, Maputo, I Serie n.º 144.

Morais, J. 1988. *The Early Farming Communities of Southern Mozambique*. Central Board of National Antiquities, Studies in African Archaeology 3. UEM-Maputo/Tropical Institute. Lisbon.

Muchangos, A. 1999. *Paisagens e regiões naturais de Moçambique: Moçambique Setentrional*. Maputo: UEM.

Nhancale, H. V. 2018. *Ocorrência da Tradição Ceramista da Matola na Província de Maputo, Séculos I-VIII AD: O Contexto Físico-Geográfico*. Monografia de (Licenciatura EM Arqueologia)- Departamento de Arqueologia e Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo,

Nhatsave, J. 2018. *Cerâmica da Tradição Matola na Região Sul de Moçambique: Comparação das estações arqueológicas*. Monografia (Licenciatura em Arqueologia) - Departamento de Arqueologia e Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo,

Oliveira *et al.* 2013. *Arqueologia estratégica: abordagem para o estudo da totalidade e construção de sítios monticulares*.

Ombe, Z. 2003. Indigenous land-use management in Lower Changane Chigubo: Sacred and profetedesaclarisation and recovery, *Indlinga-Africa journal os indigenous Knowledge Systems*.

Ombe, Z. 2006. Environmental Change in South Central Chibuto Southern Mozambique 1965-2000. Tese de Doutoramento, Universidade Witwatersrand, Johannesburg, RSA.

Ombe, Z. A. (s/a). Paisagens, Ordenamento e desenvolvimento sustentável em Moçambique

Perfil do Distrito de XaiXai Provincia de Gaza Ministerio da Administracao Estatal.pdf. 10 de Outubro de 2017.

Pinto, D. C. 2009. *Concha sobre concha: construindo sambaquis e a paisagem no Recôncavo da Baía de Guanabara*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brazil.

Reis E, M. 2010. *Evolução da linha de costa e defesa das zonas costeiras – Análise custo/benefício*. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil. Universidade de Aveiro.

Roca, Z & Oliveira, J. s/d. A paisagem como elemento da identidade e recurso para o desenvolvimento: *Centro de Estudos de Geografia e Desenvolvimento*. Lisboa.

Sinclair, P. J. J. 1987. Um reconhecimento arqueológico do norte de Moçambique: Província de Cabo Delgado. *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia*, 3. Maputo: DAA/UEM.

Teixeira, J.V. 2018. A Participação das Comunidades locais na gestão das florestas em Moçambique: Caso dos distritos de Montepuez, Maúa, Marrupa e Majune. Tese de Doutoramento em Geografia e Planeamento Territorial Especialidade em Ambiente e Recursos Naturais. Lisboa

The Editors of Encyclopédia Britannica (22 de maio de 2009). Encyclopedia Britannica. UNESCO, 1972. Convecção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural.